

# Entre territórios e redes geográficas: considerações sobre a prostituição travesti no Brasil meridional

## Territory and geographical networks: considerations on travesty prostitution in southern Brazil

*Marcio Jose Ornat*

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Este texto busca fazer algumas reflexões sobre os territórios da prostituição travesti, localizados no sul do Brasil, e a sua conexão a partir da instituição de uma rede geográfica. Um dos elementos da quotidianidade da travesti é a disputa. Devido a isso, existem buscas espaciais cada vez mais amplas. Mas apenas algumas das travestis conseguem constituir uma espacialidade que vai além daquela relacionada apenas ao território intra-urbano. Estas relações e conexões são estruturadas a partir da simultaneidade entre centro/margem, forjando espaços paradoxais, possibilitando assim a visualização de outras geografias que se colocam dentre várias outras possibilidades.

Palavras-Chave: Prostituição Travesti. Território. Rede Geográfica. Espaço Paradoxal.

**Abstract:** This text proposes some reflections on territories of travesty prostitution located in Southern Brazil and their formation as a geographical network. One of the elements of everyday life for travesties is dispute. Therefore, expanding and advancing on space is an increasing phenomenon among travesties, but only some travesties are developing a spatiality which goes beyond intra-urban territories. These relationships and connections are structured through the simultaneity of center-periphery-features, juxtaposing paradoxical spaces which do allow the visualization of still other geographies, among other possibilities.

Keywords: Travesty Prostitution. Territory. Geographical Network. Paradoxical Space.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto busca fazer algumas reflexões sobre a relação entre os territórios intra-urbanos da prostituição travesti e a ligação entre eles, a partir da instituição de uma rede geográfica no Brasil meridional. Esta discussão dá continuidade às pesquisas relacionadas à problemática espaço-gênero-sexualidade, iniciadas no ano de 2006, através do Grupo de Estudos Territoriais

GETE/UEPG<sup>1</sup>. Inicialmente, salientamos o fato do estabelecimento da associação equivocada do termo travesti à prostituta, como se fossem sinônimos, pois nem sempre uma travesti é também prostituta. Todavia, como a maioria delas é excluída da possibilidade de trabalhar em outros setores da economia, acabam tendo como única alternativa a prostituição.

Nossas inquietações, relacionadas a

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Ponta Grossa – Paraná.

esta temática, surgiram após dois anos de convivência com o grupo das<sup>2</sup> travestis que retiram o seu sustento da atividade da prostituição na cidade de Ponta Grossa – Paraná, a partir do Projeto de Extensão “Para além da ‘batalha’ na rua: práticas de inclusão socioespacial e promoção de direitos humanos dos grupos em situação de vulnerabilidade social”. Durante este percurso, foi estabelecida uma parceria entre o Grupo de Estudos Territoriais e a Organização Não-Governamental Renascer<sup>3</sup>, que possibilitou uma vivência do universo e das práticas territoriais das pessoas investigadas, entre os anos de 2006 a 2008<sup>4</sup>. A convivência cotidiana entre o grupo de pesquisadores e o grupo focal levou a conflitos teóricos e tensões de pontos de vista, indicando que o território intra-urbano é um elemento fundamental da identidade travesti, o que possibilitou a ultrapassagem do tratamento do território enquanto um mero receptáculo das práticas sociais (ORNAT, 2008-a; 2008-b; SILVA & ORNAT, *in prelo*).

Contudo, a legitimação do saber científico do grupo de pesquisadores junto ao grupo de travestis, levou ao estabelecimento de novas questões que eram centrais em seus discursos, pois há entre elas uma busca de conquistas territoriais cada vez mais amplas. Entretanto, apenas algumas delas estabelecem relações que extrapolam aquelas contidas no território intra-urbano, realizando fluxos através de amplas redes geográficas que conectam territórios em diversas escalas.

Foi a partir de algumas saliências contidas em suas falas que evidenciamos as múltiplas espacialidades constitutivas da prostituição travesti. Trata-se de pessoas

<sup>2</sup> Reivindicação das travestis da utilização do pronome pessoal ‘ela’, devido a ligação ao gênero feminino.

<sup>3</sup> Com sede em Ponta Grossa – Paraná.

<sup>4</sup> Neste período tivemos a possibilidade de entrevistar cerca de 16 travestis que trabalham nos municípios de Ponta Grossa e Curitiba – Paraná.

que não se enquadram nas regras da heteronormatividade vigente, homens no sentido fisiológico relacionando-se com o mundo como mulheres (PERES, 2005). Qualquer escala que tomemos por referência para compreender esta correlação envolve elementos de alta complexidade. Além disso, tornar inteligível este fenômeno traz implícito um desafio político e científico.

### Dos Territórios da Prostituição Travesti...

Desde a sua institucionalização como ciência acadêmica, o conceito de território vem se colocando como objeto de interesse. Sua polissemia é apresentada por Haersbaert (2004), variando este conceito desde um Território Político – confundido-se muitas vezes com o Estado-Nação, o Território Econômico – relacionado a fonte de recursos, e ao Território Cultural – uma apropriação e valorização simbólica de determinada porção do espaço. Entretanto, como visto por Souza (2000), a forma de percepção do conceito de território privilegiada foi a relacionada ao Estado-Nação, colocando-se como uma área apropriada e ocupada por determinado grupo social. Enquanto uma área criadora de raízes e identidades, suas limitações não seriam imutáveis, mas cada espaço enquanto território seria território durante todo o tempo.

A utilização do conceito de território tem sido muito útil na análise da dimensão espacial da prostituição. Na ciência geográfica a relação entre prostituição e espaço tem se colocado como um ‘não dito geográfico’. Entretanto, como já visto em outro momento (ORNAT, 2008 b), alguns geógrafos trazem visibilidade a estas discussões, demonstrando a disposição de produzir uma Geografia que vá além de temas consagrados.

De forma geral, o território tornou-se objeto de renovado interesse na segunda metade do séc. XX. A primeira discussão feita, tendo o território como objeto de reflexão, está relacionada a Ratzel, em 1882, em sua *Anthropogeographie*<sup>5</sup>. Essa obra relaciona a palavra território à sociedade, à moradia, à alimentação, à família e ao progresso. O conceito é visto pelo autor como o substrato, o solo, elemento de fundamental importância (recursos sociais). Passa-se quase um século para que a discussão seja reavivada, inicialmente com Gottmann (1973) em "The significance of territory". Sua discussão frisa os mesmos temas consagrados por Ratzel, relacionados aos recursos, ao solo e à política, tendo por referência a escala global<sup>6</sup>.

Entretanto, a primeira obra que foge dos determinismos discursivos que relacionam território a Estado-Nação, referem-se à obra de Raffestin (1993)<sup>7</sup> em "Por uma Geografia do Poder". O autor trata o território como um dos trunfos do poder, ao lado da população e dos recursos, mas sendo um trunfo particular, "recurso e entrave, continente e conteúdo, tudo ao mesmo tempo. O território é o espaço político por excelência, o campo da ação dos trunfos" (1993, p. 60). Para Raffestin, espaço e território não são equivalentes, mas o segundo é posterior ao primeiro, sendo formado a partir dele, espaço apropriado, territorializado e marcado por relações de poder.

Tendo o mesmo conceito por objeto de reflexão, Souza (2000), em "O território: Espaço e Poder, Autonomia e Desenvol-

vimento", salienta o fato de que o espaço vem há muito tempo sendo valorizado como de fundamental importância na manutenção, na conquista e exercício do poder. Afirma que qualquer visualização do poder - Sun Tzu, Michel Foucault, Paul Claval, Clausewitz e Ratzel - necessita de uma espacialidade, por mais fugaz e indireta que esta nos pareça. Entretanto, fugindo de interesses escusos, Souza grifa que seu interesse no território estaria localizado na possibilidade de saber quem manda ou influencia e como manda e influencia esse território.

Souza (2000) atribui uma variabilidade espacial e temporal deveras produtiva. Para ele, o território não deve ser reduzido às questões que envolvem o Estado-Nação, pois esse pode ser construído e desconstruído nas mais variadas escalas espaciais (da rua aos territórios dos países membros da OTAN<sup>8</sup>). Da mesma forma, podem ser instituídos e desfeitos nas mais variadas temporalidades (de séculos a horas). Mais ainda, podem ser permanentes ou cíclicos. O autor apresenta uma riqueza de situações de apreensão do território, entendendo-o como:

um campo de força, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre "nós" (o grupo, os membros de uma coletividade ou "comunidade", os *insiders*) e os "outros" (os de fora, os estranhos, os *outsiders*). (...) Territórios, que são no fundo antes *relações sociais projetadas no espaço*<sup>9</sup> que espaços concretos (...). (SOUZA, 2000, p. 86-87).

Como visto acima, é a organização binária que tem estruturado o posicionamento científico relacionado à compreensão do território, vendo-o como a ação de inclusão e exclusão de objetos, indivíduos e com-

<sup>5</sup> Utiliza-se para esta reflexão a obra RATZEL, organizada por Antônio Carlos Robert Moraes, publicada pela Editora Ática, em 1990.

<sup>6</sup> Não se pretende fazer aqui um *overview* de toda a discussão relacionada ao conceito de território, mas apontar quais caminhos foram trilhados na construção desta reflexão. Para maiores aprofundamentos sobre a discussão relacionada ao conceito de território, ler: BONNEMAISON (2002), CLAVAL (1999), GOTTMANN (1973); MAFFESOLI (2001), NEWMAN (2008), PAASI (2008), RATZEL (1882), SACK (1986).

<sup>7</sup> Publicado originalmente com o título: Claude Raffestin. Pour une géographie du pouvoir. Paris, 1980.

<sup>8</sup> Organização do Tratado do Atlântico Norte.

<sup>9</sup> Grifo Nosso.

portamentos. Este se concebe enquanto um espaço apropriado por um grupo social, que delimita formalmente (ou não) uma fronteira, estabelece/reforça posições de insider/outsider. Porém, a visualização do território pode ser ampliada, quando buscada outra configuração de forças, além de oposições de inclusão/exclusão.

Uma proposição importantíssima coloca-se nas afirmações de Duncan (1990), em sua obra "The city as text". O autor analisa o espaço para além das suas apresentações materiais, considerando-o como um sistema de significados, da mesma forma que um texto, recebendo e transmitindo informações. Analisando o Reino de Kandy, no Sri-Lanka, Duncan apresenta uma cidade polivocal, argumentando que é por meio desta cidade enquanto texto, que as práticas sociais são comunicadas, negociadas e desafiadas. Nesta, três grupos fariam a leitura da cidade, a saber: o Rei, a nobreza e os camponeses.

A proposição de Duncan (1990) nos abre o campo de vista para uma rede de relações que são compostas/compõe o espaço, colocando as pessoas como seres ativos e criativos através dos processos de leitura e interpretação. Outra evidência lançada pelo autor é a dificuldade de interação interpretativa do espaço entre os grupos que não comungam dos mesmos códigos culturais.

Desta forma, isso nos abre a possibilidade de uma compreensão de como a vida espacial é gestada e organizada, a partir de relações de força que a compõe. Isso culmina na conceitualização da "Intertextualidade" proposta por Duncan (1990), relacionada ao fato de que não existe apenas uma interação entre diferentes textos e diferentes tipos de textos, mas também entre estes textos e as práticas sociais que as tornam textualizadas, instituindo e sendo instituídos pela cidade texto. A proposta é a existência de um cruzamento entre os

textos do urbano.

A cidade texto de Duncan (1990) é definida a partir de dinâmicas relacionais e processuais entre um conjunto de sistemas de significados e práticas temporalmente mutáveis. Ao levarmos em consideração o aspecto da intertextualidade, evidenciamos tanto a construção de diferentes significados sobre um mesmo objeto, como seus contrastes e assimilações, admitindo a existência de forças que atuam na produção simbólica do espaço. A consideração da cidade enquanto um texto, produzida por intertextualidades, é uma possibilidade de tornar visível, textos que não são hegemônicos em sua correspondente dimensão espacial.

Consideramos o espaço da prostituição travesti como uma espacialidade que é lida como um texto pelos grupos sociais, ou seja, grupos que possuem seus próprios textos. O território da prostituição travesti está ao mesmo tempo "fora" da cidade e "compõe" a cidade, um junção de insider/outsider, um território que mesmo existindo materialmente a partir das práticas cotidianas, é interdito (SILVA et al, 2007) pela cidade enquanto uma de suas expressões.

Todos os textos co-existem, se interceptam, se conectam, se sobrepõem ou se justapõem uns aos outros, forjando tramas escalares. Convém salientar que o texto que é composto/compõe o território da prostituição travesti é um texto à margem do poder hegemônico, mas paradoxalmente, em relação àqueles que mantêm a hegemonia.

Outra maneira de visualização do território da prostituição travesti nos mostra que ele é instituído pelo grupo a partir de suas práticas espaciais cotidianas, não reproduzível, mas cotidianamente inventado. Entretanto, é a partir destas mesmas práticas que o território da prostituição institui as pessoas que exercem suas per-

formances identitárias através desta espacialidade específica.

Tanto o gênero, entendido como o conjunto de idéias que uma cultura específica constrói em relação ao que é ser homem ou mulher, como o território, são cotidianamente inventados. Isto se deve ao fato de que embora as travestis visivelmente afrontem a linearidade entre sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2003), elas são fruto e constroem a mesma sociedade heteronormativa que as refuta. Cada espacialidade vivenciada pelas travestis constitui uma rede de relações socioespaciais. E dentro da multiplicidade de teias, o território da prostituição é uma delas. Isso relaciona-se à construção do conceito do Espaço Paradoxal discutido por Rose (1993).

As reflexões de Rose (1993) concentram-se na imaginação espacial do que Teresa de Lauretis (1987) em "Technologies of Gender" chama de sujeito do feminismo. Este seria um projeto político, como um estratégia pessoal e política de sobrevivência e resistência. Todavia, ao mesmo tempo, uma prática crítica e uma forma específica de conhecimento, que vai além da dualidade homem/mulher, entendido enquanto eixos identitários.

Inicialmente, para Rose (1993), isso já aponta para a importância de outras orientações identitárias, em que as reflexões deveriam ir além das diferenças sexuais. Em sua discussão, outros elementos devem ser considerados, um mundo de representações lingüísticas e culturais, nas suas experiências em relação a outras esferas identitárias dos sujeitos, como a raça, a classe, bem como as relações sexuais. Isto formaria um sujeito não unificado, mas múltiplo, e não apenas dividido, como contraditório, trazendo a possibilidade de existências que vão além dos discursos dominantes.

Este sujeito do feminismo é associado a um distinto sentido de espaço. Um espaço

que é multidimensional, contingente e em movimento. Rose (1993) o chama de paradoxal, ou seja, onde as ocupações entre centro e margem, *insider* e *outsider*, são ocupadas simultaneamente. Ou como nas palavras de De Lauretis (1987):

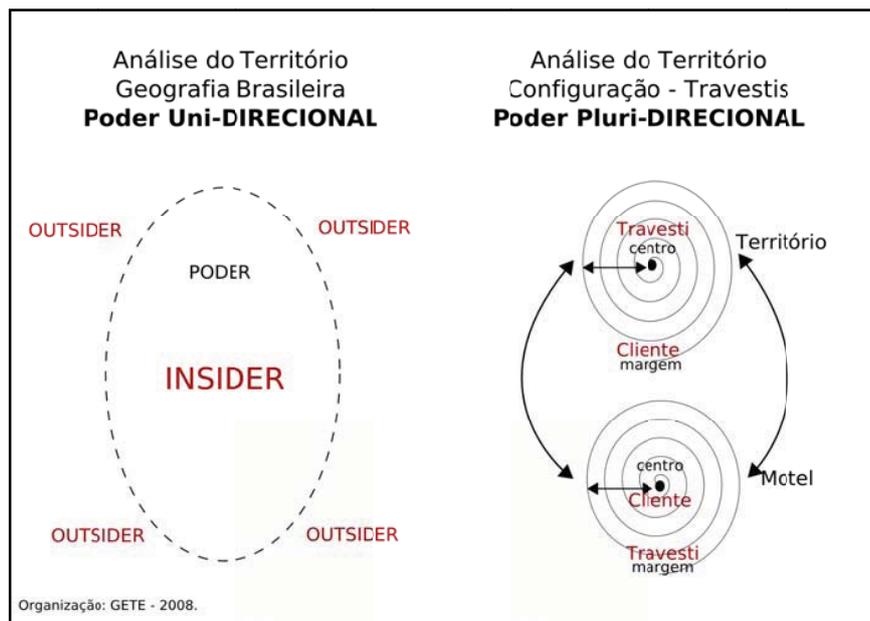
É um movimento entre o (representado) e o que a representação deixa de fora, ou mais precisamente, tornado irrepresentável. É um movimento entre o (representado) espaço discursivo da posição disponibilizada pelos discursos hegemônicos e o espaço-off, o outro lugar, os outros discursos..., há dois tipos de espaços, que não estão nem em oposição um ao outro (...), mas que coexistem em simultaneidade e contradição. O movimento entre eles, portanto, não é o de uma dialética de integração, de uma combinação, ou de uma *différance*, mas é a tensão da contradição, da multiplicidade e da heteronomia. (DE LAURETIS, 1987, p. 29)<sup>10</sup>

A apreensão do espaço demanda uma passagem radical às geometrias heterogêneas, pois proporciona a articulação de diferentes estruturas espaciais. Assim, o mapeamento desta geograficidade não pode ser apenas o rebatimento de relações sociais de poder sobre espaços territoriais, pois isto é apenas a demonstração, congelada, de uma das dimensões do espaço paradoxal. Cada relação tipificada possui uma espacialidade, compostas por relações de poder, nos moldes de Foucault (1988).

Cada pessoa não possui apenas um gênero, mas também uma sexualidade, uma classe, uma raça, uma religião, e toda uma rede de outras relações sociais. Até este momento, esta proposta não seria "nada

<sup>10</sup> It is a movement between the (represented) and what the representation leaves out or, more pointedly, makes unrepresentable. It is a movement between the (represented) discursive space of the position made available by hegemonic discourses and the space-off, the elsewhere, of those discourses...there two kinds of spaces are neither in opposition to one another (...), but they coexist concurrently and in contradiction. The movement between them, therefore, is not that of a dialectic, of integration, of a combinatory, or of difference, but is the tension of contradiction, multiplicity, and heteronomy.

de novo no front”, pois cada relação teria o espaço apenas por substrato. Entretanto, dois pontos devem ser ressaltados: o primeiro diz respeito ao fato de que o espaço é reflexo, meio e condição das relações sociais, as compõem (CORRÊA, 2000); o segundo ponto está relacionado ao fato de que, como salientado por Rose (1993), estas relações são experienciadas, simultaneamente, a partir de indivíduos plurilocalizados. Desta forma, a questão seria a espacialidade destas relações. Assim, as duas dimensões da representação cartográfica são insuficientes, pois muitas outras estruturas espaciais geométricas são necessárias. Entretanto, demonstra-se abaixo uma das possíveis relações paradoxais e sua distinção à forma de reflexão dualizada sobre o território, no Tipo Ideal I abaixo:



Tipo Ideal I

Como visto acima, de forma distinta ao conceito de território tratado como uma atividade de inclusão e exclusão (lado esquerdo da figura), a vivência espacial das travestis nos mostra uma configuração distinta, incluindo o cliente no território

(lado direito da figura), mas de forma periférica nas relações de poder. Esta relação de centro e margem também ocorre com outros grupos sociais com os quais as travestis se relacionam, como moradores, policiais, transeuntes, outros profissionais do sexo, etc.

Na relação com o cliente, a travesti, através do território da prostituição, representa o centro das relações de poder, pois é através de seus comportamentos corporais, roupas e adereços, que desperta o desejo do sujeito - cliente, representado acima como a margem da configuração de poder, já que ele a procura para viver o prazer que é proibido pela sociedade heteronormativa.

Este cliente faz parte do conjunto da sociedade que as exclui, mas compoendo simultaneamente o território da prosti-

tuição travesti numa situação de margem. Além de temer ser identificado vivendo uma sexualidade que não corresponde ao conjunto das normas de práticas sexuais socialmente estabelecidas, o cliente deve contratar o preço e os serviços que envolvem o programa, mesmo que possua vantagens monetárias.

Entretanto, depois que o contrato é firmado entre travesti e cliente, ocorre o des-

locamento dos corpos para outras espacialidades, notadamente locais privados onde as travestis deixam a centralidade da configuração de poder e, muitas vezes, tornam-se vítimas da violência de seus clientes. Esta configuração de margem

compõe simultaneamente sua posição central através do território, interferindo nas práticas grupais de proteção contra violência de clientes.

Assim, o deslocamento da mesma configuração para outros espaços re-posiciona os sujeitos e, portanto, o espaço segregado a que estão submetidas é, contraditoriamente, um elemento ativo na composição do poder das travestis. Tais colocações podem ser claramente visualizadas na frase de uma das travestis colaboradoras: são os mesmos homens que fecham suas portas durante o dia, que abrem as pernas durante a noite. Esta mediação da experiência travesti produz a concepção de que o território é composto de um poder multidirecional que é intercambiado entre os sujeitos que compõem a/s configuração/ões, dando sentido à apropriação espacial. Este território se institui de pluri-localizações de sujeitos que não são fixos em suas posições de centro e margem, mas constantemente tensionados, pois ocupados simultaneamente.

Esta apreensão sugere um calidoscópio de configurações, devido ao fato de que os sujeitos se constituem nas relações com outros sujeitos, em configurações espaciais vantajosas ou desvantajosas. As forças postas em ação nesta dualidade chamam atenção à mobilidade das próprias relações de poder a formar território, pois como nas próprias palavras de Foucault (1988, p. 104), “o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” e espacialmente plurilocalizadas. Entendemos o poder como prática discursiva impregnada de espaço, não existindo em algum lugar ou em alguma coisa, mas produzido por relações sociais, um feixe de relações que é organizado, piramidalizado, coordenado.

O espaço paradoxal estrutura-se através de textos urbanos. Um deles é construído pelas travestis em uma complexa vivência de interdições espaciais e resistências que se transformam em territórios, passando de indivíduos com restritas espacialidades, notadamente noturnas, a pessoas que potencialmente desestabilizam normas heterossexuais, a partir de suas performances territoriais.

Devemos ter a apreensão de que, além da multiplicidade de dimensões da vida das travestis, cada posição deve ser imaginada não apenas como localizável em múltiplas espacialidades, mas também no tocante aos pólos das relações. É esta tensão entre centro e margem de relações de poder que pode desestabilizar as relações de poder entre os pares das relações. O território da prostituição travesti está posicionado entre o prisioneiro e o exilado, entre *insider* e o *outsider*, tanto na afirmação como na negação. Esta multiplicidade depende de uma geografia paradoxal. É esta tensão que pode produzir um sentido de articulação entre vários locais, ou melhor, entre vários territórios.

### ...ÀS REDES GEOGRÁFICAS

As relações de poder, tal qual descritas por Foucault (1988), tensionam sujeitos entre centro e margem das próprias relações, plurilocalizados em várias espacialidades. Esta afirmação é de fundamental importância para a construção de uma compreensão que vá além dos territórios da prostituição travesti, na direção da conexão entre estes. Os territórios da prostituição travesti intra-urbano, no Brasil meridional, ligam-se com outras escalas espaciais e/ou territoriais, a partir do fato de algumas travestis possuírem uma espacialidade que vai além de um território: são, portanto, plurilocalizadas territorialmente. Isto implica que consideremos um conjunto de

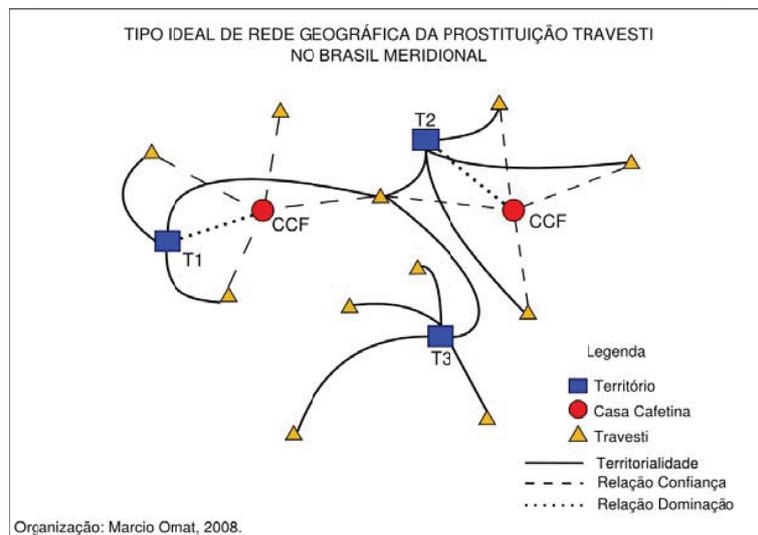
escalas complementares, que conforme Castro (2000) permitem uma múltipla apreensão, já que a realidade está contida em todas elas.

Nem todas as travestis realizam fluxos entre as redes que conectam os territórios. Souza (2000), além de considerar o território como uma área definida e delimitada por e a partir de relações de poder, traz uma interessante concepção sobre a configuração de territórios flexíveis, constituídos pela relação entre território e rede.

Para esta reflexão, estes são pontos ou nós que se conectam entre si por segmentos de arco, que correspondem aos fluxos que conectam e interligam os nós – fluxos de pessoas, bens e informações. Cada nó desta rede seria um território da prostituição travesti, interligado pelo fluxo cíclico de travestis. Esta construção é analisada por Souza (2000) como sendo uma ponte que vai além de uma ligação conceitual. Ela se constitui como uma ponte entre escalas de análise. Para isto, o autor propõe denominar este de “território descontínuo” (veja o Tipo Ideal II abaixo). Como visto em suas palavras:

O território descontínuo associa-se a um nível de tratamento onde, aparecendo os nós como pontos adimensionais, não se coloca evidentemente a questão de investigar a estrutura interna destes nós, ao passo que, à escala do território contínuo, que é uma superfície e não um ponto, a estrutura interna precisa ser considerada. Ocorre que, como cada nó de um território é, concretamente e à luz de outra escala de análise, uma figura bidimensional, um espaço, ele mesmo um território, temos que cada território descontínuo é, na realidade, uma rede que articula dois ou mais territórios contínuos. (SOUZA, 2000, p. 93)

As redes que possibilitam as conexões são constituídas de elementos próprios da identidade do grupo de travestis. Como existe um conjunto de normas relacionadas aos territórios, isto também seria visível a outras dimensões escalares. O respeito a estas normas resultariam em benefícios, materiais e simbólicos, de acesso ou não acesso às redes. Entretanto, convém desfazer algumas incompreensões futuras. Não existe uma similitude de feições entre todos os territórios da prostituição travesti no Brasil meridional. Vejamos o Tipos Ideais II e III abaixo:

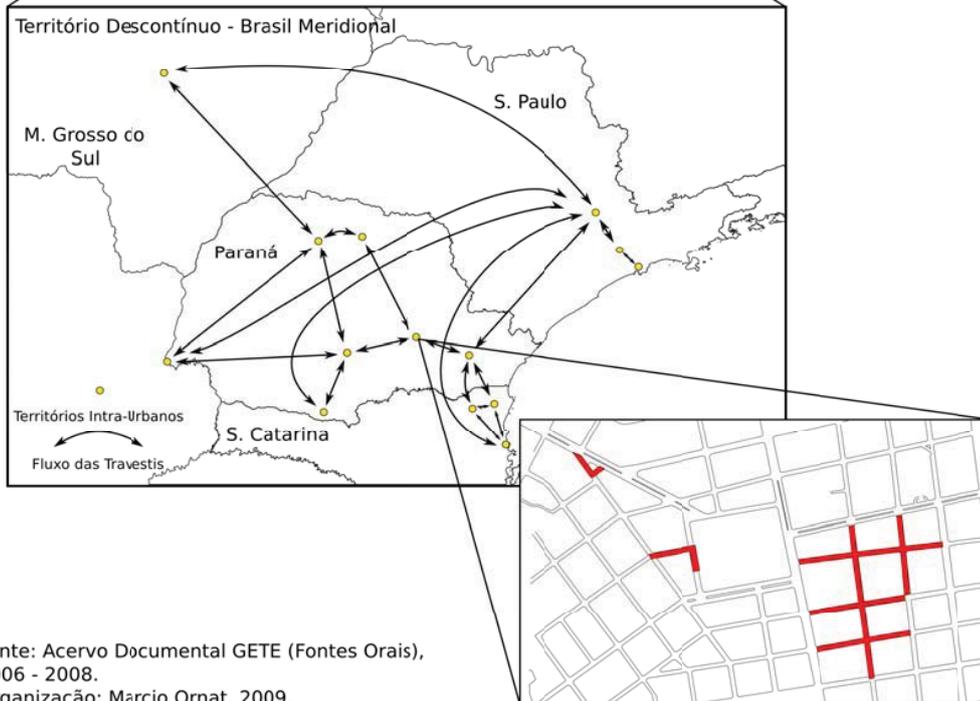
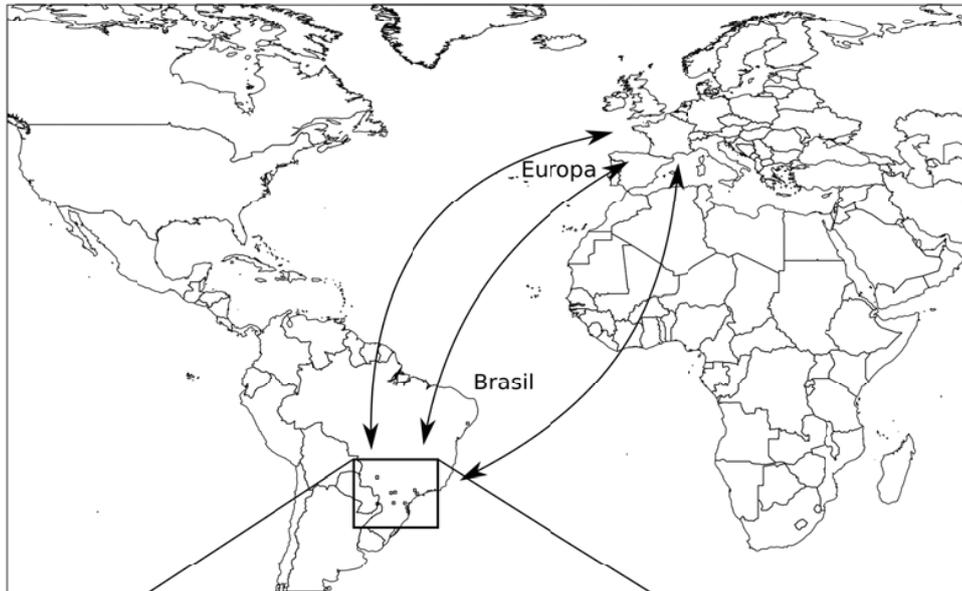


Tipo Ideal II

Inicialmente, nas pequenas cidades, notadamente naquelas com população de até 300.000 habitantes, as relações de instituição e manutenção territorial se fazem a partir de travestis que são centrais e travestis que são periféricas nas relações de poder (Território – T3 / Tipo Ideal II). Estas relações de conveniências / acordos produzem a gestão das relações sociais inscritas nesta espacialidade específica.

Nas cidades com população acima deste total, e com considerável importância regional ou nacional, as relações tornam-se altamente complexas, não havendo um

TERRITÓRIO DESCONTÍNUO DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI NO BRASIL MERIDIONAL  
Tipo Ideal



Fonte: Acervo Documental GETE (Fontes Orais),  
2006 - 2008.  
Organização: Marcio Ornat, 2009.

Tipo Ideal III

padrão nacional. Em sua grande maioria o que se tem é uma travesti ou prostituta que gesta as relações inscritas nesta espacialidade (T1 - T2 / Tipo Ideal II), sendo na maioria das vezes proprietária de uma pensão, especificamente destinadas a travestis ou prostitutas que estão em atividade na cidade.

A arte da convivência espacial, em qualquer dimensão territorial, é concretizada devido aos laços de proximidade e repetição de práticas culturais. Da relação entre comportamento e benefício resulta o conceito de conveniência, proposto por Mayol (1996, p. 39): “um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida cotidiana, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados.”

Sob as regras de conveniência cada pessoa torna-se parceira do contrato social, orientada a respeitá-lo para tornar possível sua vida cotidiana. A utilização destes códigos culturais atribui-lhe uma identidade que a autoriza a assumir o seu lugar nas redes de relações sociais inscritas em cada local.

A partir de um conjunto de entrevistas realizadas com travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição em Ponta Grossa e Curitiba - PR, consegue-se detectar a articulação entre os territórios intra-urbanos citados e sua possível lógica de funcionamento.

Do total de travestis entrevistadas, 25% haviam trabalhado na prostituição apenas em Ponta Grossa - Paraná. Os outros 75% haviam trabalhado, antes de vir para Ponta Grossa, nos Estados de São Paulo (cidades de São Paulo, Campinas, Santos), Paraná (cidades de Guarapuava, Curitiba, Londrina, Maringá, Foz do Iguaçu, Paranaguá, Palmas), Santa Catarina (cidades de São Bento do Sul, Camboriú, Joinville) e Mato Grosso do Sul (cidade de Campo Grande).

Contudo, o elemento que mais chamou a atenção foi a declaração da utilização de um período do ano para viagens, permanecendo as travestis durante um período nas cidades acima citadas.

As falas abaixo demonstram a fluidez de algumas travestis entre os territórios intra-urbanos citados. Assumimos neste trabalho as falas das travestis que colaboraram com seus discursos para descrever a presente realidade. Tal opção respalda-se no fato da não existência de tais fontes de informação em arquivos tradicionais e oficiais. Mesmo não sendo homogêneos, buscamos alinhar seus registros, pois assim como estas pessoas, diversas outras fontes sempre foram invisíveis, tanto para os marcos oficiais, como para a ciência. A partir destas orientações, vejamos abaixo:

Eu ganhei o meu respeito bem em Ponta Grossa, mas não só em Ponta Grossa. Tipo assim, o máximo que eu fiquei fora foi oito meses. Fiquei em Curitiba e São Paulo, nas principais capitais. Só que todo ano eu viajo, pelo menos fico dois meses por ano viajando. E qualquer lugar que eu desço eu sou respeitada, pelo fato de que com as travesti eu sou humilde. Nestes oito meses que eu falei pra você eu fiquei só em Curitiba. Nestas viagens que eu faço por ano, eu fico em São Paulo, na Dianópolis e na Manuel Gurgel; em Campinas; no Paraná eu já trabalhei nas principais cidades do Paraná, Londrina, Maringá, Foz, Guarapuava, até em Irati. Mas estes dois meses eu to chutando, porque tem vezes que eu fico mais, tem vezes que eu fico menos. (Acervo documental GETE (fontes orais) - Entrevista realizada em Ponta Grossa, em 2/10/2007)

(...) eu fui para a boate de novo, fui para Santa Catarina, fui para Paranaguá, ganhei muito dinheiro, não posso reclamar. Voltei para Ponta Grossa, fiquei um mês e fui para Curitiba. (Acervo documental GETE (fontes orais) - Entrevista realizada em Ponta Grossa, em 4/10/2007)

Eu comecei a batalhar em São Paulo. De São Paulo fui para a Vieira Solto, no Rio de Janeiro. E do Rio eu fui para a França. (você foi através de cafetina?) Fui através de uma amiga minha na época que tinha ido pela primeira vez, a gente era muito amiga, morávamos juntas em uma quitinete no Rio de Janeiro, daí uma se ajudou a outra. Nós trabalhávamos na Lapa no Rio de Janeiro, lá na Vieira Solto. Ela já tinha uma amiga dela que já estava em Paris - França. E daí essa amiga mandou a passagem para ela e eu ajudei ainda com um pouco de dinheiro. Mas na intenção de você vai e depois eu vou. Você se estabiliza e depois eu vou. E assim foi feito, ela foi, e depois me mandou o dinheiro que eu tinha emprestado a ela cobrindo mais a passagem na época, que eu não me lembro se naquela época era trezentos e noventa dólares. Você tinha que passar com um dinheiro mostrando que você ia gastar aquele dinheiro lá como turista. A primeira vez eu entrei como turista e a segunda como jornalista. (Acervo documental GETE (fontes orais) - Entrevista realizada em Ponta Grossa, em 9/10/2007)

De forma cíclica ou em períodos consideráveis, as travestis vivenciam diversos territórios intra-urbanos, ou diversas escalas territoriais: uma relacionada a um território contínuo, o território intra-urbano; outra relacionada a um território descontínuo, resultado do fluxo das travestis. Esta territorialidade, porém, como dito acima, não é uma possibilidade a todas as travestis, pois algumas pessoas conseguem constituir uma nova territorialidade descontínua, que se viabiliza em uma outra escala de fenômeno, através dos territórios intra-urbanos. A característica de multiterritorialidade é um elemento que cria a possibilidade destas travestis saírem do Brasil, entrando em um circuito transnacional.

Existem diversas formas das travestis conseguirem acessar e participar do circuito da prostituição transnacional. Uma delas é a cafetinagem. Uma das entrevistas evi-

denciou que dos 10 municípios<sup>11</sup> que eram constituidores da multiterritorialidade desta travesti entrevistada, seis municípios tinham como central uma travesti-cafetina; em dois se tinha uma mulher-cafetina; nos restante se tem uma travesti central, mas não com a ocorrência da cafetinagem, ou seja, a cobrança pela possibilidade de ficar na rua e se prostituir.

Em cada território da prostituição travesti intra-urbano tem-se travestis que se localizam no centro das relações de poder e travestis que se localizam na periferia das relações de poder. Esta relação de centro e margem tem ocorrência neste território descontínuo, concorrência relacionada ao encaminhar travestis para fora do Brasil. Se determinada travesti entra na Europa através de uma cafetina-travesti, ou mesmo mulher, que é central nas relações de poder, esta terá mais condições de permanecer na Europa. Caso contrário, sua permanência prolongada pode ficar comprometida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destas reflexões, evidencia-se a conexão entre territórios paradoxais, formados por centro e margem de relações de poder, através da instituição de rede/s geográfica/s no sul do Brasil. Dentro do conjunto de relações sociais nas quais as travestis participam, a rede geográfica é uma delas. Temos relações de centro e margem de relações de poder entre travestis e clientes, moradores, transeuntes, policiais, outro/as profissionais do sexo.

O que atribui a característica de paradoxidade é o fato destas relações não serem estruturadas em excludentes *insider* e *outsider*, mas a partir de simultaneidades entre *insider* e *outsider*. Elas acontecem simultaneamente, estando a travesti ao mesmo tempo em posições de centro e margem de

<sup>11</sup> São Paulo, Campinas, Guarapuava, Curitiba, Londrina, Maringá, Foz do Iguaçu, Camboriú, Joinville, Campo Grande.

relações de poder. Mesmo sendo estruturada e forjada a partir de uma espacialidade distinta à do território, a rede geográfica tem por elementos de funcionamento as mesmas características de centro e margem. Desta forma, temos a sobreposição entre duas formas de espacialidade.

Para Rose (1993), o espaço geográfico, a paisagem ou mesmo o lugar, estão longe de ser um substrato seguro, tanto para a produção do conhecimento sobre este mesmo espaço, como em relação ao poder. Suas melhores características são a insegurança, a precariedade e a fluidez. Não são sedimentados, mas desestabilizados constantemente pelas contradições internas estruturantes dos jogos sociais.

O território *paradoxal* da prostituição travesti e a rede geográfica *paradoxal* da prostituição travesti são outras possibilidades, de outras geografias, estruturadas por distintas pulsões, desejos e efeitos. Esta é uma das possibilidades...Entretanto, devem existir inúmeras outras.

## REFERÊNCIAS

- BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, ZENY (Orgs). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, capítulo 4, p. 83 - 131.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTRO, Iná Elias de. O Problema da Escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.117 - 140.
- CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. In: **Geographia - Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF**. Niterói/RJ, UFF/EGG, ano 1 - nº 2, p. 7 - 25, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 15 - 47.
- DE LAURETIS, Teresa. **Technologies of gender - Essays on theory, film and fiction**. Indiana: Indiana University Press, 1987.
- DUNCAN, James. **The city as text: the politics of landscape interpretation in the Kandy Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GOTTMANN, Jean. **The significance of territory**. Virgínia: University Press, 1973.
- HAERSBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 37 - 69.
- NEWMAN, David. Boundaries. In: AGNEW, John; MITCHELL, Katharyne; TOAL, Gerrd. **A companion to political geography**. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2008, p. 123 - 175.
- ORNAT, Marcio Jose. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa - Paraná**, 2008a. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa - PR.
- \_\_\_\_\_. "Território e prostituição travesti: uma proposta de discussão". **Revista Terr@ Plural**, vol 2, nº 1, p. 41 - 56, jan/jun 2008b.
- PAASI, Anssi. Territory. In: AGNEW, John; MITCHELL, Katharyne; TOAL, Gerrd. **A companion to political geography**. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2008, p. 109 - 122.
- PERES, Wilian Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. 2005. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, UERJ, Rio de Janeiro - RJ.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RATZEL, Friedrich. **Ratzel – Geografia**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

ROSE, Gillian. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

SACK, Robert. **Human territoriality: its theory and history**. New York - USA: Cambridge University Press, 1986.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. **Paradoxos em geografia queer: dos espaços interditos à instituição dos territórios travestis**. (No Prelo).

SILVA, Joseli Maria (et all). A produção do espaço interdito na experiência cotidiana do sujeito transgênero. In: **VII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE**, 2007, Niterói, v. 1. p. 1-16.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77 - 115.

Recebido em 26/02/2009 Aceito em 16/04/2009
--